

Teatro virou balneário, diz Bulcão

Oscar Niemeyer, inconformado, apela ao governador

"O Teatro Nacional ficou parecendo um balneário". Esta é a opinião de Athos Bulcão, o criador dos relevos que embelezam a fachada do mais moderno teatro brasileiro, uma das mais conhecidas criações de Oscar Niemeyer.

No sábado, ao ler o CORREIO BRAZILIENSE, Athos Bulcão animou-se a lutar contra o que ele considera "uma agressão, uma escrescência, um corpo estranho", na harmoniosa Esplanada dos Ministérios. "Na hora, diz ele, recortei o artigo e remeti-o a Oscar Niemeyer, no Rio. No mesmo momento, liguei para ele resumindo a matéria, e pedindo que aguardasse a chegada do artigo e das fotos que o ilustravam. Só com o meu relato, Niemeyer percebeu a gravidade da agressão e prometeu escrever uma carta ao governador para solicitar a imediata retirada dos toldos".

Athos lembra que, até 1980, trabalhou na Secretaria de Viação e Obras, com José Carlos Mello, por quem nutre sincera amizade. Quando viu o toldo, ficou indignado e pensou logo em conversar com Mello, "o que farei o mais rápido possível". A grande esperança de Athos, porém, está depositada na carta de Oscar Niemeyer, pois sabe que "o governador Ornellas e o secretário Mello ouvirão e acatam, com o maior respeito, as idéias do criador de Brasília".

Bulcão não sabe por que Niemeyer e ele não foram consultados antes. "É tão simples uma consulta desta natureza. Oscar é muito acessível e eu estou aqui, na cidade, sempre preocupado com sua preservação e ex-

pansão".

As agressões à cidade, porém, têm sido tantas, que Athos já se sente quase desiludido. "Cada dia, deparamo-nos com um novo penduricalho. Aos poucos, eles vão deturpando tudo. A gente vai ficando magoado, vai sofrendo muito quase perde as esperanças que restam. Alguns administradores da cidade não

percebem a função dos meus relevos e murais e acabam promovendo reformas e acréscimos que nivelam tudo por baixo".

Athos dá exemplo destes criativos acréscimos:

— Tenho sido vítima de coisas inexplicáveis. Pois não é que o Senado Federal resolveu expor móveis antigos da casa, dos

tempos em que o Rio de Janeiro era a Capital? Trouxeram, talvez por um lampejo saudosista, toda a quinquelaria. Na hora de montar a exposição, acharam por bem colocar um crucifixo num de meus painéis, trabalhado em preto-e-branco. Eles pensam que painel é paredão, onde se pode pendurar qualquer coisa. Pois bem. A exposição acabou e eles não quiseram tirar o crucifixo de lá. Como se vê, minha obra foi acrescida de um elemento que não faz parte dela. Pedi para que retirassem o crucifixo mas recebi reiteradas negativas". O que fazer numa hora destas? Pergunta com voz magoada, um dos mais famosos companheiros de Oscar Niemeyer.

Com a matéria do CORREIO BRAZILIENSE e a ajuda de Niemeyer, porém, Athos Bulcão acredita que o toldo do Teatro Nacional será retirado. Afinal, lembra ele, com a chuva e o vento brasiliense, de todo jeito, as pessoas vão se molhar. Além do mais, diz ele, aquela entrada só conduz ao camarote presidencial, que é pouco usado. Para se chegar ao restaurante do Teatro (que será inaugurado dia 31 de janeiro) há uma opção melhor: entrar pelo saguão principal e utilizar os elevadores. O teatro Nacional, diz Athos, é uma obra muito rica em opções, sua concepção apresenta outras alternativas para se chegar ao restaurante.

O artista arremata: "Não é por vaidade pessoal que peço a retirada daquele toldo. É pelo conjunto da obra, é pelo respeito a Oscar Niemeyer e a quem concebeu e criou esta cidade".